

A SINGULARIDADE DA ANGÚSTIA NO PROCESSO COGNITIVO: A RELAÇÃO ENTRE O AUTOCONHECIMENTO E O CONCEITO DE ANGÚSTIA DE SØREN KIERKEGAARD

Aline da Silva Pereira¹

Paulo César Delboni²

RESUMO

A presente pesquisa se propôs a indagar sobre a singularidade da angústia e conseqüentemente sobre a possibilidade de se alcançar o autoconhecimento tendo por base a obra de Søren Kierkegaard, “O conceito de angústia”. Para tal foram delimitados os elementos principais acerca da angústia tendo por base uma pesquisa junto ao senso comum e uma investigação detalhada sustentada pela filosofia existencialista onde comprovou-se a substancialidade desta como ferramenta para o autoconhecimento já que a própria existência como uma possibilidade infinita é um reflexo da liberdade do próprio indivíduo. Assim, a angústia tornou-se simultaneamente algo singular e cognitivo por ser ao mesmo tempo um objeto de estudo da própria subjetividade que contribui para a própria aprendizagem sobre si mesmo. Com isto, evidencia-se uma verdade sobre o sujeito que por vezes permaneceria oculta e, portanto, inexplorada.

Palavras-chave: Angústia; Kierkegaard; autoconhecimento; filosofia existencialista.

ABSTRACT

The present research aimed to investigate the uniqueness of anxiety and, consequently, the possibility of achieving self-knowledge based on the work of Søren Kierkegaard, *The concept of anxiety*. To this end, the main elements about anguish were delimited based on a research along with common sense and a detailed investigation supported by existentialist philosophy, which proved its substantiality as a tool for self-knowledge, since the very existence as an infinite possibility it is a reflection of the individual's own freedom. Thus, anxiety became simultaneously something singular and cognitive, as it is at the same time an object of study of the subjectivity itself, which contributes to the learning about oneself. With this, a truth about the subject is evidenced that at times would remain hidden and, therefore, unexplored.

Keywords: anguish; Kierkegaard; self-knowledge; existentialist philosophy.

1 INTRODUÇÃO

Søren Kierkegaard, filósofo e teólogo dinamarquês do século XIX, em suma afirma em seu livro, “O conceito de angústia” (1844), que todo ser humano está sujeito a angustiar-se e o fará inevitavelmente tão logo o pensamento se volte para as inúmeras

¹ Graduanda do Curso de Filosofia da UNISALES de Vitória - ES. E-mail: alinesilper@hotmail.com

² Professor de Filosofia do Centro Universitário Salesiano. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma/Itália). E-mail: pdelboni@gmail.com

possibilidades reservadas a liberdade da imaginação. A angústia como possibilidade da possibilidade, ou seja, a angústia como possibilidade da liberdade que é sempre um “poder ser”, é inerente a todo ser humano, o que faz com que esse afeto assuma um caráter universal, mas ao mesmo tempo concebe a cada indivíduo em particular a oportunidade de se deparar com a sua própria verdade e singularidade (KIERKEGAARD, 2015, p. 45). Assim, portanto, é possível supor que a angústia possibilita ao sujeito um conhecimento sobre si mesmo, contanto que este se disponha e se permita a conhecê-la ao invés de estanca-la ou ignorá-la com as mais diversas e passageiras distrações, como se tem observado ainda nos tempos hodiernos.

Segundo Kierkegaard, a angústia apresenta-se ao sujeito destituída de um objeto que tem em seu lugar “um nada que só pode angustiar” (KIERKEGAARD, 2015, p. 45), entretanto, de acordo com a teoria do conhecimento, o objeto, seja ele qual for, assim como o sujeito, é indispensável ao conhecimento uma vez que este apresenta-se como uma imagem de referência cognoscível ao sujeito cognoscente (HESSEN, 2012). A partir daí questiona-se sobre a real possibilidade de o sujeito alcançar o autoconhecimento através da angústia.

A presente pesquisa foi elaborada com base na obra “O conceito de angústia” de Søren Kierkegaard, publicada originalmente em 1844, e tem por objetivo oferecer um exame detalhado acerca da singularidade da angústia, ou seja, sobre seu caráter original em face ao indivíduo de acordo com o próprio Kierkegaard e também de acordo com a filosofia contemporânea existencialista. Além disso, o estudo visa compreender a relação existente entre o autoconhecimento do sujeito em particular e “o conceito de angústia” de Søren Kierkegaard, isto é, sobre a possibilidade de associar ou não a angústia ao processo cognitivo fazendo da angústia um instrumento de autoconhecimento.

Para tal, a angústia aqui é analisada de maneira científica e objetiva no intuito de desvelar a possibilidade do conhecimento que este afeto traz seja para o indivíduo, para sociedade ou até mesmo para o meio acadêmico que se propõe a tal observação. Por se tratar de uma análise comparativa entre uma obra e um conceito, a vigente pesquisa foi elaborada essencialmente através de um estudo hermenêutico acerca da concepção da angústia para Kierkegaard junto a corrente existencialista seguida por uma pesquisa bibliográfica com livros e artigos sobre o tema em questão, uma vez

que estes são os meios que apresentam maior riqueza e abundância no que se refere ao conteúdo proposto.

Além disso, por se tratar de um assunto ainda obscuro no meio acadêmico, no intuito de oferecer maior imparcialidade e objetividade ao estudo e visando proporcionar uma aproximação e, portanto, uma troca de saberes com a comunidade, foi realizada uma pesquisa de levantamento através da ferramenta Google Forms, composta por um questionário acerca do que comumente se entende por angústia e suas implicações. Este questionário foi aberto ao público com a participação de indivíduos maiores de 18 anos que correspondem tanto ao sexo feminino quanto ao masculino com as mais diversas ocupações sociais constando ao todo oito questões dentre elas seis objetivas e duas discursivas. No mais, são considerados os conceitos basilares que reconduzem ao tema proposto, ou seja, a angústia e que caráter ela assume na sociedade contemporânea.

2 A INTERPRETAÇÃO DA ANGÚSTIA ATRAVÉS DO SENSO COMUM

Ainda que a angústia seja um tema de constante investigação – tanto pela filosofia existencialista de Kierkegaard, Heidegger, Sartre e Camus quanto pela psicanálise de Freud e Lacan – o conceito de angústia está amplamente difundido no senso comum e pode ser observado indiscriminadamente através do vocabulário popular seja para descrever um afeto, um sentimento, um sintoma ou até mesmo para manifestar e corroborar uma crença ou um sinal de mau agouro já enraizado no credo popular. A concepção de angústia também abrange por exemplo a literatura de Graciliano Ramos e Franz Kafka e se estende despreziosamente através do cinema, da arte da cultura e da sociedade. Seja como for a angústia sempre se manifesta atrelada a condição humana que embora esteja incumbida a determinar os seus contornos ainda encontra dificuldades em desvelar os seus mistérios.

No intuito de oferecer maior imparcialidade e objetividade ao estudo e visando proporcionar uma aproximação e, portanto, uma troca de saberes com a comunidade, foi realizada uma pesquisa de levantamento através da ferramenta Google Forms³

³ Disponível em:

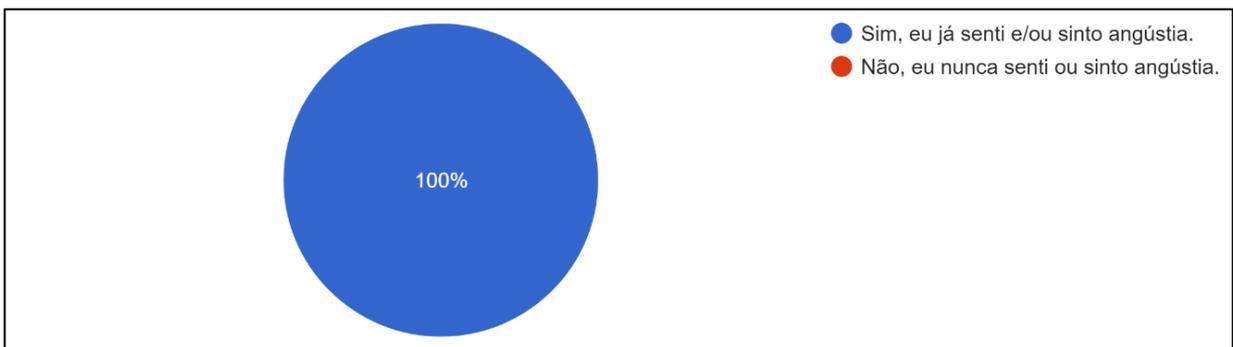
https://docs.google.com/forms/d/1Rvoa585_BEk70yDQ0WMEAYb0ExVF3YqhzuiF_SH2I00/edit?ts=6091703d

composta por um questionário acerca do que comumente se entende por angústia e suas implicações. Este questionário foi composto por oito questões dentre elas seis objetivas e duas discursivas que foram abertas ao público contando com a participação de 32 indivíduos maiores de 18 anos que correspondem tanto ao sexo feminino quanto ao masculino com as mais diversas ocupações sociais. Nele foi possível verificar por exemplo qual a percepção que os entrevistados tem em comum em relação a angústia e se de fato todos estão sujeitos a serem acometidos por este afeto como é possível observar nas descrições abaixo.

De acordo com os resultados obtidos através da pesquisa constatou-se que a maioria dos entrevistados são estudantes predominantemente do sexo feminino 53,1% (n = 17).

Ao serem questionados sobre o que seria a angústia boa parte dos entrevistados concordam em dizer que a angústia é um sentimento ou uma sensação que fomenta no sujeito uma profunda tristeza, impotência, sofrimento, desespero ou até mesmo um vazio, um desconforto e uma estagnação que muitas vezes se revela em sintomas físicos tais como um aperto no peito, um nó na garganta ou um sufocamento que culmina em dor.

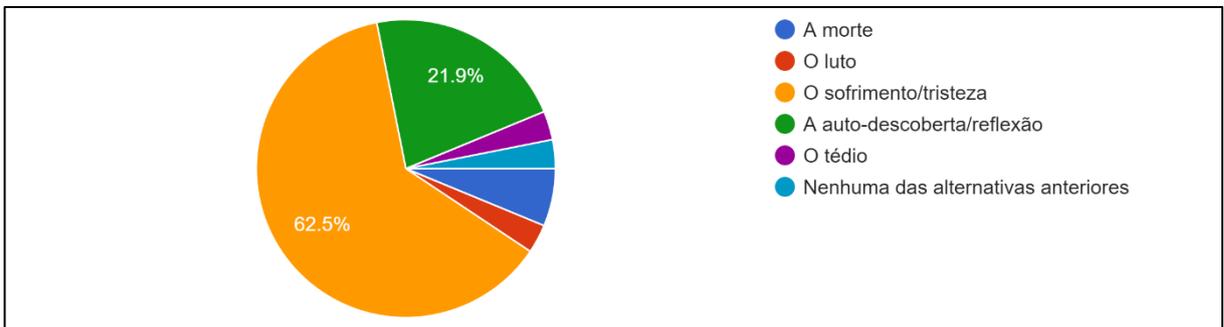
Gráfico 1 – Relação dos entrevistados que já sentiram angústia



Fonte: Própria, 2021.

Outro fato importante com relação a angústia, como observa-se no gráfico 1, é que 100% dos entrevistados afirmaram que sentem ou que já foram acometidos pelo sentimento de angústia que assume um caráter prevalentemente negativo, ou seja, 71.9% (n = 23), onde dos 32 participantes apenas 6.3% (n = 2) a classificaram como positiva e 21.9% (n = 7) como neutra.

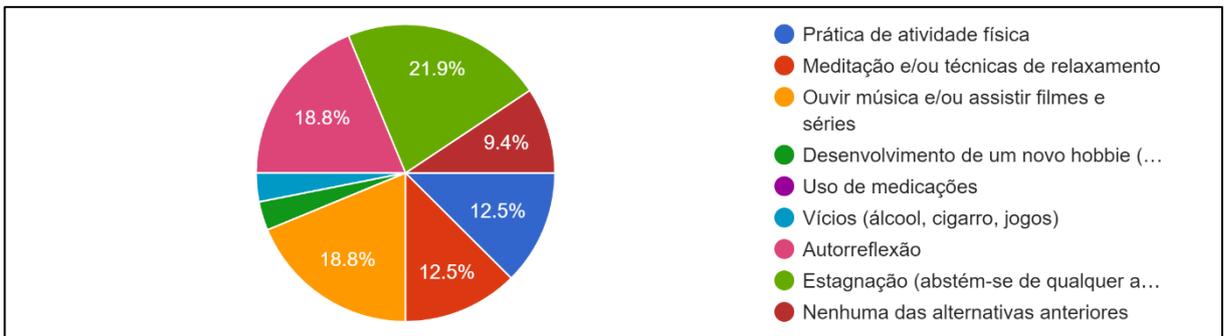
Gráfico 2 – Experiências relacionadas com a angústia



Fonte: Própria, 2021.

No que concerne a experiência mais relacionada a angústia é possível observar no gráfico 2 que 62.5% (n = 20) dos entrevistados relataram que ela está ligada ao sofrimento ou a tristeza, 21.9%, afirmaram que ela está relacionada a autodescoberta e reflexão, 6.3% referem-se a morte, luto (3.1%), tédio (3.1%) ou nenhuma das alternativas (3.1%).

Gráfico 3 – Atitude dos entrevistados diante do sentimento de angústia



Fonte: Própria, 2021.

O gráfico 3 compreende a atitude dos entrevistados em face ao sentimento de angústia onde é possível constatar que 21.9% dos entrevistados abstém-se de qualquer atitude, 18.8% praticam a autorreflexão, 18.8% se entretém com música, filmes e séries, 12.5% aderem a técnicas de meditação ou relaxamento, 12.5% investem na prática de exercícios físicos, 9.4% não se aplicam a nenhuma das alternativas propostas enquanto 3.1% desenvolvem um novo hobbie (como cozinhar, pintar, desenhar ler e etc.) e 3.1% recorrem a vícios como álcool, cigarro e jogos por exemplo.

Levando em consideração os resultados da pesquisa é possível concluir que a angústia na concepção do senso comum é um sentimento ou uma sensação a qual, embora muitas vezes não possa ser descrita em palavras esta frequentemente traduz-se por um sentimento de tristeza, sofrimento ou vazio que traz ao sujeito um extremo desconforto, inquietação e mal estar resultando até mesmo em sintomas físicos e objetivos, a exemplo da dor ou aperto no peito. Evidentemente de acordo com as respostas obtidas a angústia esteve presente ou ainda se faz em 100% dos entrevistados no qual assume um caráter prevalentemente negativo que conduz a inércia ou estagnação e faz com que o sujeito invista em toda sorte de distrações a fim de livrar-se desse sentimento.

3 O CARÁTER NEGATIVO DA ANGÚSTIA

Através do questionário sobre a interpretação da angústia no senso comum tornou-se evidente em decorrência de seus resultados o caráter negativo da angústia perante aos entrevistados, uma vez que é um sentimento ou uma sensação tanto psíquica quanto orgânica que por sua vez remete a tristeza, sofrimento ou vazio. Portanto, ao invés de ser acolhida a angústia desperta em contrapartida no sujeito inadvertidamente a necessidade de ser aniquilada tão logo se manifeste seja por meio de ocupações como atividades ou até mesmo por meio de distrações como a música ou o cinema. Isso se deve ao fato de que a angústia individualiza o sujeito que por sua vez encontra-se absolutamente imerso no mundo social.

O sujeito nasce, cresce e se desenvolve no mundo social, quer queira ou não, sempre aos cuidados de outrem numa ordem social já estabelecida antes mesmo de sua existência como afirmam Peter Berger e Thomas Luckmann na obra, *A construção social da realidade* (2004, p. 71):

O organismo humano, por conseguinte, está ainda desenvolvendo-se biologicamente quando já se acha em relação com seu ambiente. Em outras palavras, o processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente. (...) Isto é, o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, (...). Não apenas a sobrevivência da criança humana depende de certos dispositivos sociais mas a direção de seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada. Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem, e na verdade uma grande parte de seu ser biológico enquanto tal, está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada.

Logo, nota-se a importância do âmbito social na construção da identidade do indivíduo assim como a primeira realidade palpável ao qual ele tem acesso. Em outras palavras, o indivíduo se faz em sociedade, pois, este, isolado não possui condições de se nutrir e se desenvolver plenamente devido a inerente instabilidade e vulnerabilidade ao qual este se encontra, a sociedade, por sua vez oferece ao indivíduo um sentido junto a uma personalidade que se torna cada vez mais coerente, estável e objetiva (BERGER; LUCKMANN, 2004). Sendo assim, a angústia apresenta-se como uma ameaça à identidade do sujeito que por sua vez, ao angustiar-se sente um estranhamento com relação a própria presença, já que esta situa-se agora separada do mundo do qual ele há muito já está familiarizado.

Heidegger, por sua vez, em sua analítica existencial não nega que o homem esteja “*ai*”, inserido no mundo das coisas e das ocupações, porém ele atenta para o fato de que o sujeito vivendo no impessoal situa-se no que ele chama de estado de *decadência*, isto é, um estado em que o sujeito encontra-se seguro diante dos contornos que a sociedade lhe deu e ao mesmo tempo alienado quanto as possibilidades autênticas do próprio ser que o aprisionam reiteradamente a mesma situação de decadência, visto que, a interpretação pública que o sujeito possui lhe oferece a falsa sensação de uma vida verdadeira e concreta. (HEIDEGGER, 2015)

A respeito disso, afirma Heidegger na obra *Ser e tempo* (2015, p. 243):

Tornando-se desse modo tentação, a interpretação pública mantém a presença presa em sua decadência. A falação e a ambiguidade de já ter visto tudo e já ter compreendido tudo, perfazem a pretensão de que a abertura da presença, assim disponível e dominante, seria capaz de lhe assegurar a certeza, a autenticidade e a plenitude de todas as possibilidades do seu ser. A certeza de si mesmo e a decisão do impessoal espalham uma suficiência crescente no tocante à compreensão própria e disposta. A pretensão do impessoal de nutrir e dirigir toda a “vida” autêntica, *tranquiliza* a presença, assegurando que tudo “está em ordem” e que todas as portas estão abertas. O ser-no-mundo da decadência é, em si mesmo, tanto tentador quanto *tranquilizante*.

Com isso, Heidegger aponta para o fato de que entregue ao impessoal o sujeito afasta de si a própria presença, ou seja, priva-se, portanto, da oportunidade de conhecer o seu ser mais autêntico a fim de manter a ilusão de viver apenas como um reflexo do mundo exterior.

Em suma, o fato do sujeito encontrar-se indissociavelmente imerso ao meio social, que por sua vez dá lhe um sentido, uma identidade e uma realidade concreta e objetiva, faz com que este sujeito tenha aversão a angústia e a considere como algo

nocivo, já que a angústia por sua vez singulariza o indivíduo, o afasta do mundo do qual ele está confortável e ao mesmo tempo traz à tona aquilo que ele mais teme, a liberdade de poder ser, que nada mais é do que um sujeito indeterminado, visto que, na possibilidade o sujeito já não se encontra mais estático e definido, mas sim, em constante devir e em permanente construção.

4 A ANGÚSTIA SEGUNDO SØREN KIERKEGAARD

Søren Aabye Kierkegaard foi um filósofo e teólogo dinamarquês do século XIX, cuja importância do seu pensamento tornou-se imprescindível na criação de uma das correntes filosóficas mais significativas da filosofia contemporânea, o existencialismo (REALE, 2005).

Embora Kierkegaard fosse contrário aos *ísmos* – ou seja, a qualquer ciência ou doutrina que servisse de exemplo aos demais – foi notável a sua influência nos filósofos posteriores como Heidegger, Sartre e Camus graças a sua disposição em tratar sobre temas inéditos acerca do indivíduo, tais como liberdade, morte, autenticidade, finitude e angústia, afeto cuja investigação tornou-se o propósito desta pesquisa (REYNOLDS, 2014).

Ao colocar o sujeito no centro de suas indagações conseqüentemente se faz necessário delinear os contornos do indivíduo com tudo aquilo que o torna singular, e a angústia certamente merece destaque na filosofia de Kierkegaard, tanto que deu origem a uma obra intitulada “O conceito de angústia” (1844).

Nesta obra, Kierkegaard sustenta que é o estado de inocência do ser humano que garante a possibilidade para o surgimento da angústia, isto porque, no estado de inocência o espírito, ou seja, a consciência humana ainda não está determinada ela está adormecida, portanto resta apenas um nada da ignorância com relação ao que está por vir, e é este nada característico da insciência da subjetividade humana que faz nascer a angústia. Quanto a isso ele afirma que o espírito deseja sempre a sua possibilidade na realidade efetiva, no entanto, enquanto pensamento essa possibilidade é um nada, uma vez que é sempre um poder ser, mas que de fato nunca é, como observa-se no trecho abaixo:

Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia.

Sonhando, o espírito projeta a sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela (KIERKEGAARD, 2015, p. 45).

Ao contrário do que comumente se observa, a angústia embora esteja atrelada ao temor e ao desespero como o próprio Kierkegaard salientou, mais do que uma tristeza ou aflição ela é o único afeto capaz de revelar uma verdade ímpar sobre o sujeito já que o próprio homem é quem produz a angústia. E a respeito disso Kierkegaard (2015, p. 57) afirma: “[...] a angústia não é, [...] uma imperfeição do homem, e pode-se dizer, ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia, [...]”. Isso porque a angústia é um afeto intrínseco a cada ser humano que está sujeito a angustiar-se, e isso se deve, segundo Kierkegaard a composição psicológica do próprio homem, isto é, ao fato de que o homem é uma síntese de corpo e alma mediado pelo espírito (KIERKEGAARD, 2015). Diz ele:

Se um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese, pode angustiar-se, e quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano, mas não, contudo, no sentido em que os homens em geral o consideram, referindo a angústia a algo externo, como algo que é exterior ao homem, e sim no sentido de que ele mesmo produz a angústia. (KIERKEGAARD, 2015, p. 168).

A respeito disso, na obra *O desespero humano* de 1849, é possível observar através de uma ironia socrática o empenho de Kierkegaard em sanar as dúvidas concernentes a definição do espírito, para tal ele faz a seguinte interpretação:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. E, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheia a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é, a relação *em si*, mas sim o seu *voltar-se* sobre si própria depois de estabelecida (KIERKEGAARD, 2010, p. 25).

Portanto, daí reside a importância da angústia, uma vez que o homem é, segundo Kierkegaard, o próprio espírito, que por conseguinte pode ser traduzido como a parte responsável pelo pensamento ou autorreflexão do indivíduo em virtude da própria existência. Ademais, ao espírito está incumbida a tarefa de estabelecer as condições necessárias para que angústia exista e se manifeste em cada ser humano que está sujeito a inquietar-se com as incomensuráveis possibilidades concedidas pela liberdade da imaginação.

O pensamento possui em si uma incessante produção de possibilidades, mas isso só acontece em razão da liberdade que não opõe resistência alguma a imaginação. A angústia então de acordo com Kierkegaard, surge como a possibilidade de um “nada”, pois ao contrário do medo, a angústia não possui objeto algum (KIERKEGAARD,

2015). Quando se trata do medo o sujeito sempre tem “medo de” alguma coisa, de um objeto específico que possui um aspecto, uma fisionomia perceptível e palpável, a angústia por sua vez revela um vazio, esse vazio é, portanto, uma espécie de vertigem da liberdade (KIERKEGAARD, 2015). A respeito disso Kierkegaard afirma:

A angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. Nesta vertigem, a liberdade desfalece. (...) e quando a liberdade se reergue, percebe que ela é culpada (KIERKEGAARD, 2015, p. 67).

Logo, torna-se evidente que a liberdade como fonte inesgotável de possibilidades é onde reside a angústia, que por sua vez se alimenta de todo e qualquer pensamento. E aí está o grande truque da angústia do qual o indivíduo sequer se dá conta, que por não ter um objeto específico ela reflete em uma simples possibilidade hipotética, ilusória e abstrata o próprio sujeito, um ser finito, imperfeito, inacabado, sempre em constante devir e, portanto, em construção incessante, atormentado por toda a sua fragilidade e destituído de toda e qualquer vestimenta social que possa acolhê-lo (SARTRE, 2014). Mas ainda sim a angústia é um nada, porque na prática a angústia é apenas uma possibilidade da possibilidade que não tem uma realidade concreta, ou seja, ela não passa de “uma qualificação do espírito que sonha, [...]” (KIERKEGAARD, 2015, p. 45).

E sobre esse equívoco Kierkegaard declara que, “a realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar. Mas ela não pode, enquanto apenas se mostra” (KIERKEGAARD, 2015, p. 45).

Ou seja, enquanto atividade o pensamento junto a imaginação perpetua todas as suas possibilidades sem que nenhuma delas seja colocada em prática, uma vez que o sujeito esteja entregue a imaginação e destituído da necessidade que imponha um limite ao pensar, tudo é possível (SAMPAIO, 2003).

Porém, na esfera do mundo real e objetivo nada acontece, o que em suma revela que tudo o que fora projetado até então pelo indivíduo tem por base uma quimera, em outras palavras, um nada. Logo, é possível afirmar que: “[...] a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (KIERKEGAARD, 2015, p. 45).

É preciso salientar que Kierkegaard trata da liberdade sempre como uma possibilidade ad aeternum, ou seja, um poder ser sem fim característico do ser humano, e é justamente esta possibilidade que ele afirma ser o contato mais próximo que o sujeito tem com relação ao infinito já que o homem é uma síntese de corpo e alma mediado pelo espírito. Entretanto, ele também alerta para o lado maléfico da possibilidade, visto que esta não encontra limites, como é possível observar no seguinte trecho: “[...] na possibilidade tudo é igualmente possível, e aquele que, em verdade, foi educado pela possibilidade entendeu aquela que o apavora tão bem quanto aquela que lhe sorri” (KIERKEGAARD, 2015, p. 169-170).

Mas, segundo Kierkegaard, é preciso também destacar o aprendizado que a possibilidade tem a oferecer, uma vez que se compreende as contingências as quais o ser humano está sujeito a cada instante no decorrer da vida, como o próprio constata:

Quando, pois, um tal sujeito concluiu a escola da possibilidade e sabe, melhor que uma criança no seu ABC, que não pode exigir absolutamente nada da vida, e que o horrível, perdição, aniquilamento moram na porta ao lado de qualquer homem, e aprendeu com proveito que toda a angústia, diante da qual ele se angustiava, no momento seguinte avançou sobre ele, então ele dará uma outra explicação da realidade; haverá de louvar a realidade, e mesmo quando ela pairar pesadamente sobre ele, lembrar-se-á de que esta é muito, muito mais leve do que o era a possibilidade (KIERKEGAARD, 2015, p. 170).

Porém, segundo Kierkegaard, de uma mera possibilidade para uma realidade concreta é necessário que haja um intermediário, e neste caso mais uma vez a angústia é o propulsor de tal realização. A angústia possibilita o salto existencial de uma possibilidade trivial para o ato:

“Em um sistema lógico é bem fácil dizer que a possibilidade passa para a realidade. Na realidade efetiva, a coisa não é tão fácil, e precisamos de uma determinação intermediária. Tal determinação intermediária é a angústia [...]” (KIERKEGAARD, 2015, p. 54).

Sendo assim, a angústia para Kierkegaard é um atributo singular da criação humana que brota da inocência ou insciência da qual o indivíduo se depara nas mais diversas situações em que este exerce sua liberdade. A liberdade, por sua vez, é aquela que abriga as infindáveis possibilidades que angustiam o indivíduo quando por fim defronta-se com o nada. Atribui-se também a angústia a função de individualizar o

sujeito e impulsioná-lo por intermédio do “salto existencial” a sair da inércia de um mero pensamento para a determinação efetiva do agir.

5 A LIBERDADE COMO POSSIBILIDADE DA ANGÚSTIA

Ao ser trabalhado, o conceito de angústia inevitavelmente conduz a presença imediata de outros conceitos inseparáveis e basilares da filosofia existencialista, dentre os quais é preciso citar a questão da liberdade (REYNOLDS, 2014).

Embora cada autor discorra sobre o tema à sua maneira existem fatores congruentes que contribuem para a compreensão do fenômeno da liberdade junto ao conceito de angústia, a começar pelo fato de que a liberdade é a condição para que a angústia se manifeste e é também aquilo que a antecede, ou seja, à liberdade está incumbida a tarefa de conceber e alimentar a angústia, já que a própria liberdade funda-se sobre um nada repleto de possibilidades.

Logo, a liberdade apresenta-se como um ponto chave não só quando se trata de uma obra específica, como é o caso do “Conceito de angústia” de Kierkegaard, mas também nos principais trabalhos de cunho existencialista, pois, a partir do momento em que o homem se dá conta da liberdade que possui como indivíduo – liberdade esta que reside tanto nas ideias ou simples pensamentos quanto nos atos e ações do sujeito – ele simultaneamente abre espaço para que a angústia sobrevenha com toda a sua plenitude.

Quando se fala em liberdade é impossível não recorrer a Sartre cuja filosofia está repleta de exemplos e frases tão conhecidas quanto o próprio autor que embora tenha falecido há mais de 40 anos deixou a deriva expressões que constantemente são resgatadas pelo vocabulário popular e que afirmam sistematicamente que “[...] o homem está condenado a ser livre”, ou mesmo que o homem é a própria liberdade (SARTRE, 2014, p. 24).

A liberdade, portanto, apresenta-se como uma condição para que a angústia se manifeste e nisso tanto Sartre quanto Kierkegaard concordam. Todavia, a angústia para Kierkegaard possui em si um traço mais pueril, visto que nasce da inocência, ou seja, da ignorância daquele que desconhece (KIERKEGAARD, 2015). Já para Sartre, a angústia traz um aspecto mais maduro, pois surge quando o homem se dá conta

das suas responsabilidades perante as escolhas que devem ser feitas por um sujeito que se encontra só e desamparado (SARTRE, 2014).

O próprio Kierkegaard concorda, que é impossível destituir a angústia da liberdade, visto que, é a liberdade que possibilita ao sujeito angustiar-se, e a respeito disso ele afirma que a liberdade é “[...] a angustiante possibilidade de ser-capaz-de” (KIERKEGAARD, 2015, p. 48). Isso se deve ao fato de que, quando se trata de liberdade ela inevitavelmente aponta para as possibilidades, já que a liberdade em si não possui limites ou barreiras e portanto, o sujeito pode infinitamente criar inúmeras possibilidades sem no entanto, viver nenhuma delas no mundo objetivo (KIERKEGAARD, 2015).

Com relação as infinitas possibilidades, torna-se evidente, pelo menos no aspecto criativo, que é quando a liberdade toma consciência de si mesma como um nada que a angústia surge, esse nada se deve ao fato de que diante de todas as possibilidades o sujeito é e não é ao mesmo tempo, restando para si apenas um vazio de determinação, vazio este que mais tarde seria esboçado por Sartre na obra, *O existencialismo é um humanismo* em que ele reafirma que o homem é a própria liberdade (SARTRE, 2014).

Segundo Kierkegaard, a angústia é aquela que se apresenta a realidade da liberdade como possibilidade antes mesmo que haja uma possibilidade (KIERKEGAARD, 2015). Sendo assim, a liberdade em si, quando se torna angústia desvela o homem ao próprio sujeito, que é tão indeterminado quanto a própria liberdade, isto porque, quando o sujeito, dentre todas as possibilidades se dá conta da verdade, ou seja, que a liberdade é um nada, ele se angustia.

Nota-se, portanto, que a liberdade na corrente existencialista é um traço específico do ser humano, pois se trata da própria definição do sujeito. Sendo assim, é possível que haja liberdade sem angústia, mas não o contrário, isto é, não é possível que exista angústia sem liberdade, uma vez que a angústia é a liberdade quando se dá conta de que na verdade ela é um nada. (COLETTE, 2019).

Segundo o Kierkegaard, a angustia se dá conta de que ela é um nada quando ela percebe que diante de todas essas possibilidades do “ser-capaz-de”, tudo pode ser como pode também não ser (KIERKEGAARD, 2015). A angústia é tudo e ao mesmo tempo não é absolutamente nada de concreto, pois quando o sujeito consegue colocar

em pratica um pensamento sequer a angustia deixa de existir naquele exato momento (KIERKEGAARD, 2015). A angústia se dá naquilo que em sua filosofia Kierkegaard chama de “salto existencial”, ou mesmo o que o próprio Sartre falava incessantemente em sua filosofia que é a angústia diante das escolhas que precisam ser feitas a sós, então nesse sentido a angústia abandona o sujeito à própria sorte diante da infinitude da liberdade.

Assim, portanto, a liberdade tem um caráter fundamental porque, em suma, é nela que se cria e se desenvolve a angústia e por fim é para ela que se volta a angústia, para o nada da liberdade. Isto porque, a angústia, destituída de um objeto que a defina se volta para o próprio sujeito, ela tem o poder de individualizar o indivíduo que fez surgir essa angústia, ou seja, o homem, e como o homem não está definido mas continuamente em construção ele é sempre uma possibilidade ou seja, um nada (SARTRE, 2014).

6 O QUE A ANGÚSTIA TRAZ DE SINGULAR AO INDIVÍDUO

Embora a angústia possua em si um caráter universal, uma vez que todos os indivíduos em maior ou menor grau estão sujeitos a angustiar-se, ela certamente se desvela de maneira distinta em cada sujeito, que ao fazer da angústia um objeto de estudo depara-se inevitavelmente consigo mesmo, e, portanto, com a sua própria verdade. Isto porque, a angústia proporciona ao sujeito um saber e, portanto, um aprendizado sobre si mesmo, saber este que se torna inconcebível se for buscado apenas no meio social de convenções, costumes e moralidades do qual o sujeito faz parte (REYNOLDS, 2014).

A respeito das convenções, Kierkegaard afirma que se trata de um dos modos inautênticos de existência, ao qual o próprio se refere como “estádios”, em que o indivíduo ao fugir do desespero e da angústia prefere ignorar a própria existência buscando conforto e consolo em valores externos, tais como a busca por prazeres, o que ele chama de estádio estético, ou a procura por padrões racionais e objetivos alcançados por modelos de moralidade denominado por ele de estádio ético (MESNARD, 2003). Sendo assim, enquanto a maioria das pessoas prefere se cercar de formas inautênticas de existência, Kierkegaard sugere a angústia como o único meio pelo qual o ser humano é capaz de alcançar aquilo que ele chama de “salto”, ou

seja, o momento pelo qual o sujeito faz a transição de um estágio para o outro, isto é, ele passa da vida inautêntica para uma vida autêntica até que se chegue ao estágio religioso, no qual o indivíduo finalmente, destituído dos hábitos sociais se volta para si mesmo com coragem o suficiente para aceitar os próprios defeitos e também as próprias qualidades (REYNOLDS, 2014).

De acordo com Kierkegaard, lançado no vazio da angústia, contanto que este não se acovarde, só resta ao sujeito escolher, acolher e aprender sobre si mesmo através da autorreflexão, e quanto a isso, inspirado em Sócrates, cujo pensamento foi extremamente importante em sua filosofia, Kierkegaard (2015, p. 87) declara “[...] esse é o prodígio da vida, que qualquer ser humano que presta atenção a si mesmo sabe o que nenhuma ciência sabe, dado que ele sabe quem ele mesmo é, e isso é o que há de profundo na sentença grega [...] (conhece-te a ti mesmo)”.

Entretanto, a dificuldade está no fato de que o ser humano nada mais é do que um constante devir, dessa forma, o sujeito que no silêncio da ansiedade se atreve a contemplar a si mesmo tem por desafio suportar a própria face desfigurada pelo movimento contínuo da existência humana que ao contrário do que se espera nunca é, pois, trata-se de um eterno vir a ser. Logo, compreende-se aqui o maior incômodo do indivíduo e o motivo pelo qual ele não deixa de temer a angústia, pois, uma vez que ele se depara consigo mesmo, além de considerar a própria presença como algo terrível e assustador a sua própria constituição que está marcada pela imperfeição mostra-se por muitas vezes dolorosa e desconfortável. Consciente do temor que a angústia exerce sobre o indivíduo Kierkegaard faz a seguinte constatação:

Nenhum Grande Inquisidor dispõe de tão horripilantes tormentos como a angústia, e nenhum espião sabe investir sobre o suspeito com tanta astúcia, justo no momento em que está mais debilitado, ou sabe preparar armadilhas, em que este ficará preso, tão insidiosamente como a angústia, e nenhum juiz sagaz consegue examinar, sim, ‘ex-animar’ [desalentar], o acusado como a angústia, que não o deixa escapar jamais, nem nas diversões, nem no barulho, nem no trabalho, nem de dia e nem de noite (KIERKEGAARD, 2015, p. 169).

Todavia, embora não seja uma experiência agradável, Kierkegaard alerta para o valor que a angústia atribui ao sujeito, uma vez que proporciona a este um conhecimento que jamais será alcançado por outra via que não seja a autorreflexão, ou seja, ele compreende que o meio externo com relação a angústia nada tem a oferecer ao sujeito que em momento algum deixará de angustiar-se, uma vez que o homem é uma síntese de corpo e alma mediado pelo espírito, ou seja, que está, conseqüentemente

sempre em busca da autorreflexão. Kierkegaard discorre sobre essa experiência da seguinte maneira:

Acha-se num dos contos de Grimm uma narrativa sobre um moço que saiu a aventurar-se pelo mundo para aprender a angustiar-se. Deixemos esse aventureiro seguir o seu caminho, sem nos preocuparmos [em saber] se encontrou ou não o terrível. Ao invés disso, quero afirmar que essa é uma aventura pela qual todos têm de passar: a de aprender a angustiar-se, para que não se venham a perder, nem por jamais terem estado angustiados nem por afundarem na angústia; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado (KIERKEGAARD, 2015, p. 168).

Diante do que foi dito, é possível afirmar que a angustia revela-se como uma possibilidade ao sujeito de se conhecer e de escolher a si próprio com toda a sua singularidade além de definir conscientemente os contornos e os limites de uma existência finita, porém autêntica (REALE; ANTISERI, 2006).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo contribuiu para que fosse possível compreender a relação entre o autoconhecimento e o conceito de angústia de Søren Kierkegaard, pois, trata-se de um afeto que reflete a própria subjetividade do indivíduo, uma vez que a angústia é algo interno e por conseguinte destituído de qualquer objeto. Logo, justifica-se a afirmação de que o autoconhecimento é possível através da angústia já que ao angustiar-se o sujeito se depara consigo mesmo.

Também foi possível compreender o fenômeno da angústia junto à sociedade, visto que em maior ou menor grau todas as pessoas se angustiam como foi comprovado através da pesquisa proposta. Constatou-se também que a angústia assume um caráter predominantemente negativo onde evidencia-se o esforço do indivíduo em se distrair da angústia, pois esta afasta o sujeito de toda e qualquer definição já concedida pelo meio social.

Ainda através dos resultados da pesquisa ficou claro a necessidade de aprender a lidar com a angústia, visto que existe uma linha tênue entre a angustia e outras patologias como a ansiedade e a depressão.

Conclui-se, portanto, que este trabalho possibilita a cada indivíduo em particular um conhecimento em relação a si mesmo através da angústia, já que todos estão sujeitos a se angustiar, embora cada um à sua maneira. Além disso, este artigo oferece a

oportunidade ao indivíduo de refletir e encarar a si próprio sempre como um ser de inúmeras possibilidades autênticas.

Portanto, uma vez que o indivíduo não se acovarde diante da angústia e que não busque se distrair deste afeto, fica claro que ele tem plenas condições de lidar com a sua própria finitude, pois, compreende que está se fazendo através das escolhas, já que este não está pronto nem definido, e que este vazio que se encontra dentro de cada sujeito não é algo que se deva temer, mas sim, um reflexo da sua própria liberdade como uma possibilidade de tomar posse de si mesmo com todos os seus defeitos e também com todas as suas qualidades.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 24. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

COLETTE, Jacques. **Existencialismo**: Uma breve introdução. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Curter. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário / Søren Aabye Kierkegaard. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**: doença até a morte. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Unesp, 2010.

MESNARD, Pierre. **Kierkegaard**. Tradução de Rosa Carreira. Lisboa: edições 70, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia 5**: do romantismo ao empiriocriticismo. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, 6**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SALLES, André Luiz. **Angústia existencial**: psicologia à luz de Kierkegaard. Curitiba: Juruá, 2019.

SAMPAIO, Silvia Saviano. Kierkegaard: a ambigüidade da imaginação. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, p. 87-96, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 23 de maio de 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.